

Saindo da recessão

Pesquisa de opinião realizada em São Paulo e Rio Grande do Sul para avaliar várias facetas do homem brasileiro neste momento — no que se refere aos seus hábitos de poupança e consumo, expectativas em relação ao futuro e às instituições políticas, meio ambiente e situação sócio-econômica — mostrou que a desconfiança, o pessimismo e a amargura são os principais traços daquele que já foi definido pelos sociólogos como “o homem cordial”.

Sufocado por um longo período de estagnação econômica e por uma ainda mais persistente inflação, o brasileiro se deixou sucumbir ao ceticismo. Em função do confisco monetário de março do ano passado, apresenta-se agora desconfiado com os mecanismos de poupança. Descrente da possibilidade de ver caírem os índices inflacionários, que persistem depois de tantos e tantos “choques”, não vê nenhuma saída para o País.

Os números da pesquisa não deixam margem para dúvidas: 86% dos gaúchos e 89% dos paulistas estão contrariados com a lentidão das reformas do Estado que foram anunciadas pelo atual Presidente durante sua campanha eleitoral. Por isso não têm mais fé no Governo.

Até mesmo aquele que foi por muito tempo o principal sonho da classe média brasileira abalou-se diante da crise econômica. Hoje pouco mais de dez por cento dos entrevistados acreditam que possam ter casa própria a curto prazo. Muitos, porém, pensam que as perspectivas serão melhores daqui a três ou quatro anos.

Quase que para dar respaldo estatístico a este quadro angustiante, os jornais

informam que a inflação, crescente nas últimas semanas, começa a assombrar a equipe de Marcílio Marques Moreira. Mesmo considerando que o índice da Fundação Getúlio Vargas — o IGP-M, estimado em 13,22% no mês de julho — colhe os preços do atacado, que não são, necessariamente, repassados aos consumidores, os técnicos anseiam por voltar logo a tranquilizadoras taxas inferiores a dez por cento.

No entanto, a economia dá sinais de recuperação, na Europa, nos Estados Unidos e também entre nós. A Fiesp constata que, depois de ter ido ao fundo do poço, a indústria nacional sinaliza um tímido crescimento, que, em junho, foi superior em 0,9% ao mês de maio. Espera-se agora que este aumento da atividade industrial se mantenha, ainda que nestes modestos patamares — contando, inclusive, com os cruzados que serão liberados daqui a duas semanas —, até o final do ano.

Por tudo o que se sabe, é compreensível que os brasileiros estejam desalentados nesta penosa quadra da vida nacional. Mas jamais devemos perder de vista que esta situação pode ser revertida desde que todos — Governo, empresários e trabalhadores — se empenhem na construção daquele que sempre tem sido apresentado como “o país do futuro”. O exercício da crítica honesta, e até mesmo dura em certos momentos, é positivo, porque leva a mudanças radicais e profundas, mas o pessimismo, elevado à condição de posição filosófica, não apresentará, nunca, as saídas pelas quais tanto ansiamos.